

## **A CAUSA SECRETA” DE MACHADO DE ASSIS: uma análise semiótica**

Miriam Moscardini

O conto “A causa secreta”, de Machado de Assis, é objeto de análise deste trabalho, e nos valem da teoria semiótica francesa como nosso embasamento teórico. A semiótica tem como principal objeto de estudo o texto, que deve ser descrito como uma unidade de sentido que se organiza tanto do ponto de vista interno, como do externo. A análise interna estuda o texto como “objeto de significação”, já a análise externa estuda o texto a partir de sua “relação com o contexto sócio histórico”, observando a relação entre destinador e destinatário envolvidos num meio social em que circulam valores que podem ser apreendidos no texto.

“A Causa Secreta” relata a história de Fortunato, um homem de negócios, médico, casado, mas que ao longo da narrativa demonstra um comportamento inusitado, estranho, o que intriga Garcia, um jovem médico, que ao conhecer Fortunato, é convidado para ser seu sócio. Com a aproximação, Garcia suspeita das atitudes de Fortunato que, ao longo da história vai revelando seu verdadeiro modo de ser. Desse modo, no início da história ele parece ser o que não é, um homem de bem, respeitado e valorizado no meio social em que circulava.

Com o objetivo de analisar os textos, a semiótica sistematiza o denominado percurso gerativo de sentido que segundo Barros (1988, p. 15), “prevê a apreensão do texto em diferentes instâncias de abstração e, em decorrência, determinam-se etapas entre a imanência e aparência e elaboram-se descrições autônomas de cada um dos patamares do denominado percurso gerativo de sentido”. Tal percurso é dividido em três níveis: fundamental, narrativo e o discursivo.

De caráter abstrato, o nível fundamental é o ponto inicial do percurso gerativo de sentido e se organiza com base em oposições semânticas. Os dois termos dessas oposições semânticas formam uma categoria semântica. Fiorin (1990) observa que:



[...] a categoria semântica contém termos opostos mantendo entre si, uma relação de contrariedade. Cada um dos elementos da categoria semântica de base de um texto recebe a qualificação semântica euforia versus disforia. O termo ao qual foi aplicada a marca (euforia) é considerado um valor positivo, aquele a que foi dada a qualificação (disforia) é visto como um valor negativo.

A propósito, podemos observar que uma das oposições semânticas presentes no conto, machadiano é o prazer versus o sofrimento. O sofrimento alheio do ponto de vista de Fortunato, é eufórico, pois lhe proporciona prazer. Na passagem em que Maria Luis, sua esposa, começa a “definhar”, Fortunato que tinha “egoísmos asperíssimos”, “famintos de sensações”, sente prazer, portanto, com o sofrimento dela. (ASSIS, 1999, p. 124). A categoria semântica mostra esses valores (positivo e negativo) que são importantes para que se percebam as marcas axiológicas presentes na narrativa.

Tendo em vista o nível narrativo, Barros (2003) afirma que os termos das categorias semânticas do nível fundamental tornam-se valores para os sujeitos, valores esses que são inscritos nos objetos com os quais tais sujeitos se relacionam. Deve-se ressaltar que sujeito e objeto são papéis actanciais do nível narrativo, representados por pessoas, coisas ou animais.

Dessa maneira, nas estruturas narrativas os sujeitos buscam valores que dão sentido a sua existência. Nessa busca, os sujeitos ora são operadores, ora são sujeitos de estado.

Para Fiorin (1990, p. 21),

enunciados de estado: são os que estabelecem uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto [...] enunciados de fazer: são os que mostram as transformações, os que correspondem às passagens de um enunciado de estado a outro [...].

No conto machadiano, Fortunato é caracterizado como sujeito em conjunção com os objetos-valores “casa de saúde” e “Maria Luisa”. Afinal, o objeto-valor “casa de saúde”, que ele adquire, alimenta a satisfação de Fortunato ao sentir

prazer com o sofrimento alheio, principalmente ao redobrar os cuidados com os paciente da casa de saúde, e a submissão de Maria Luisa, sua esposa a ele, levá-lo também a adoecer, o que lhe causa prazer. Isso se revela no texto em “bebeu uma a uma aflições da bela criatura” (ASSIS,1999,p.124) e , quanto ao contato com os doentes na casa de saúde, o narrador observa que Fortunato “não recuava diante de nada,não conhecia moléstia aflitiva ou repelente,e estava sempre pronto para tudo”.(ASSIS,1999,p.121).

Como os textos são narrativas complexas, “os enunciados de fazer e ser estão organizados numa seqüência, denominada canônica, que revela a dimensão sintagmática da narrativa e mostra as fases obrigatoriamente presentes no simulacro da ação do homem no mundo, que é a narrativa [...]“(FIORIN, 1999).

A seqüência canônica é dividida em quatro fases: manipulação, competência, performance, sanção.

A manipulação tem como base a estrutura da comunicação e pressupõe um destinador-manipulador e um destinatário manipulado.

Segundo BARROS (2003, p. 191):

o destinador propõe ao destinatário um contrato, um acordo, com o objetivo de transformar a competência do destinatário e levá-lo com isso a sujeito operador da transformação “final” de estados, daquela que realmente interessa ao destinador”. Em outras palavras o destinador quer levar o destinatário a fazer alguma coisa, para tanto tem que persuadi-lo disso, tem que levá-lo a querer ou a dever fazer, a poder e a saber fazer.

Em “A causa secreta”, Fortunato é considerado um destinador manipulador.Ele tem o poder-fazer.O poder do dinheiro, é um homem possuidor de bens,capitalista, e a possibilidade de realizar seus desejos:abrir uma casa de saúde. Já Garcia é o destinatário manipulado, tem o querer-fazer. Como recém formado, ele quer emprego, e pode-fazer, ou seja, exercer a medicina, então se torna sócio de Fortunato na Casa de Saúde como esse queria. O texto revela que seria “uma boa estréia” para Garcia, pois, como recém formado teria ótimas possibilidades de adquirir um bom emprego. Para Fortunato, essa sociedade lhe possibilitava ter alguém ,

neste caso, um médico, com competência para abrir a casa de saúde. Temos, então, um caso de manipulação por tentação. Pelo fato de a” tentação ser o domínio em que o destinador demonstra poder-fazer e o destinatário querer- fazer, apresentando-lhe um recompensa, um objeto valor positivo irrecusável”(TATIT, 2003, p. 191).

A respeito da fase de competência do sujeito, de acordo com Barros é “um tipo de programa narrativo em que o destinatário sujeito recebe do destinador a qualificação necessária à ação” (BARROS, 1999, p. 85).

No percurso narrativo de Garcia , é dotado de um poder-fazer. A partir do momento em que começa a trabalhar com Fortunato na casa de saúde, ele se torna um sujeito competente – competência cognitiva - pois vai adquirindo um saber gradativo sobre as atitudes estranhas de Fortunato, como se observa nos fragmentos “Garcia pôde observar então que a dedicação ao ferido da rua D. Manoel não era um caso fortuito, mas assentava na própria natureza deste homem ”não recuava diante de nada, não conhecia moléstia aflitiva ou repelente, e estava sempre pronto para tudo” (ASSIS, 1999, p. 121).

A terceira fase do percurso do sujeito é a performance: constitui um programa narrativo, em que a ação do sujeito do fazer leva à transformação do sujeito de estado.

No percurso narrativo de Fortunato, percebemos que ele é um sujeito competente, pois tem o poder e o querer-fazer. O poder relaciona-se ao dinheiro o qual possuía, indispensável para a montagem da casa de saúde. Sendo um sujeito do querer fazer, podemos ressaltar a passagem em que ele se dedica totalmente à clínica, como se nota em: “aberta a casa, foi ele próprio administrador e chefe de enfermeiros, examinava tudo, ordenava tudo, compras, e caldos, drogas e contas” (ASSIS, 1999, p. 120). Com isso ,Fortunato pode e cuida dos doentes de maneira a não levantar suspeitas em relação a sua dedicação espantosa. Quanto a sua performance, podemos observar que é a de torturar as pessoas que o rodeiam , como torturara o ratinho, pois, desse modo, adquire o objeto-valor prazer levando-as ao sofrimento e até mesmo à morte.

Já no percurso da sanção há um destinador que vai dar a um destinatário um reconhecimento ou não, tendo em vista o seu fazer. A sanção pode

ser uma gratificação ou punição e se divide em sanção cognitiva e sanção pragmática. Na sanção cognitiva o destinador analisa, julga o sujeito pelas suas ações, ou seja, faz uma interpretação a respeito do fazer do sujeito.

Assim, em “A causa secreta” pode ser identificada uma sanção cognitiva de Garcia em relação ao fazer de Fortunato, parte-se do parecer da manifestação – Fortunato parece normal – seu caráter sádico mantém-se em segredo, mas a verdade sobre seu ser, vem da percepção de Garcia no episódio em que este flagra o sócio torturando o rato.

A descoberta do verdadeiro caráter de Fortunato por Garcia faz-se gradativamente. Inicialmente, Garcia percebe um comportamento estranho, pois logo quando o conhece, observa-o no teatro quando Fortunato assistia a uma peça que era um “dramalhão cosido a facadas, ouriçado de imprecisões e remorsos”. Garcia percebe que Fortunato assistia a isso “com singular interesse, nos lances dolorosos a atenção dele redobrava, os olhos iam avidamente de um personagem a outro, a tal ponto que o estudante suspeitou haver na peça, reminiscências pessoais do vizinho” (ASSIS, 1999, p. 116).

Posteriormente, a dedicação ao ferido Gouveia, deixa Garcia perplexo: “não podia negar que estava assistindo a um ato de rara dedicação”. Porém, identifica um cinismo em Fortunato “viu-o sentar-se tranqüilamente, estirar as pernas, meter as mãos nas algibeiras das calças e fitar os olhos no ferido” (ASSIS, 1999, p. 117). Desse modo, o cuidado com o ferido, foi a forma que ele encontrou para observar seu sofrimento.

Ao fundarem a casa de saúde, toma conhecimento de uma total dedicação de Fortunato aos doentes “via- o servir como nenhum dos fâmulos. Não recuava diante de nada, não conhecia moléstia aflitiva ou repelente e estava sempre pronto para tudo, a qualquer hora do dia ou da noite” (ASSIS, 1999, p. 121).

Inesperadamente, ocorre o episódio do rato em que o destinador – julgador Garcia reconhece a “identidade” secreta de Fortunato. Relatando a percepção de Garcia, o narrador observa que Fortunato, perante a tortura do ratinho, manifestava “sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas”. Garcia flagrou Fortunato cortando uma a

uma as patas do rato e quando cortou a terceira pata, fez pela terceira vez o mesmo movimento dirigindo o animalzinho até a chama do fogo. Garcia então se dá conta da causa secreta que lhe revela finalmente o caráter sádico do sócio: “tão somente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estatua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação estética”.

Finalmente, com a morte de Maria Luisa, o narrador identifica a satisfação de Fortunato ao flagrar Garcia chorando por ela e perceber que seu sócio era apaixonado pela sua esposa. “Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranqüilo essa explosão essa explosão de dor moral, que foi longa, muito longa, deliciosamente longa” (ASSIS, 1999, p. 125).

As evidências levantadas são concretudes da ação veridictória que se manifesta no texto em que o destinador – julgador, Garcia, interpreta os resultados do fazer do sujeito, Fortunato.

Em relação ao nível discursivo do percurso gerativo do sentido, considera-se o mais superficial e o mais próximo da manifestação textual. Suas estruturas são mais específicas e complexas. Para Barros (2003, p. 204) “o nível discursivo tem como principais características descrever o tempo, o espaço, e as pessoas instaladas no discurso, por meio dos dispositivos de debreagem. Assim, o enunciador do texto, ao temporalizar, espacializar e actorializar o discurso produz também efeitos de sentido de aproximação e de distanciamento”.

O sujeito da enunciação “desdobra-se num enunciador e num enunciatário, o primeiro realiza um fazer persuasivo, isto é, procura fazer com que o segundo aceite o que ele diz, enquanto o enunciatário realiza um fazer interpretativo” (FIORIN, 1990, p. 40).

A respeito da debreagem, (Barros, 1999, p. 85) observa que “é a operação pela qual a enunciação projeta os actantes e as coordenadas espaço-temporais do discurso. Assim, existem dois tipos de debreagem a enunciativa e a enunciva”.

Na debreagem enunciativa “o sujeito da enunciação projeta no discurso um “eu”, situado em um espaço “aqui” e num tempo “agora” criando, efeito de sentido de efeito de subjetividade” (BARROS, 1999, p. 54).

Já na debreagem enunciva os três elementos (pessoa, tempo, espaço) definem-se em relação à instância da enunciação: ele é aquele de quem se fala, então é o tempo não relacionado diretamente ao momento da enunciação; alhures é o espaço não ordenado em relação ao aqui, onde se produz o enunciado (FIORIN, 2005, p. 58).

No trecho do conto “como os três personagens estão agora mortos e enterrados, tempo é de contar a história sem rebuço”(ASSIS,199.p.115) se proteja o presente da enunciação, no tempo (agora), o enunciador narra algo acontecido no passado muito recente. Assim, temos a debreagem enunciativa da enunciação, em que o narrador se propõe relatar uma história pretérita explicitada no enunciado que constitui a história do conto.

No enunciado “decorreram algumas semanas. Uma noite eram nove horas, estava em casa quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sótão, onde morava ao primeiro andar, onde vivia um empregado do arsenal de guerra”(Assis,199,p.116) , pode-se perceber que a terceira pessoa é perceptível com os verbos no tempo pretérito perfeito (ouviu, desceu), ou seja, uma ação acabada e um alguém representado por ele. O tempo então pode ser identificado por “uma noite”, em que não há especificação de quando ocorreu o fato, o espaço é percebido com as expressões “em casa”, “onde morava”, são, então, alhures. Assim, quando se projeta a história contada, num tempo do então e num espaço do lá, distantes da enunciação, temos debreagens enuncivas.

E ainda quanto ao nível discursivo, a semântica discursiva trata da tematização e figurativização do texto.

A tematização produz percursos que se constituem pela recorrência de traços semânticos ou semas, concebidos abstratamente. Para Fiorin (2005, p. 91), “tema é um investimento semântico, de natureza puramente conceptual que não remete ao mundo natural. Temas são categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural [...]”. Em virtude disso, os percursos temáticos dependem da abstração dos valores narrativos.

Para Barros (1999, p. 70) “a recorrência de um tema no discurso depende, da conversão dos sujeitos narrativos em atores que cumprem papéis

temáticos e da coordenação de coordenadas espaço-temporais para os percursos narrativos”.

A figurativização é a atribuição de revestimento sensorial que recobre os percursos temáticos abstratos. A chamada iconização pertence a uma etapa da figurativização e tem o objetivo de produzir ilusão referencial. Assim o enunciador utiliza as figuras do discurso para fazer crer, ou seja, para fazer o enunciatário reconhecer imagens do mundo no texto e, a partir daí, a verdade do discurso. O enunciatário por sua vez crê no discurso verdadeiro (ou falso, mentiroso, ou secreto) graças ao reconhecimento que faz das figuras do mundo natural projetadas no texto (BARROS, 1988, p. 88).

Quanto ao nível discursivo, O conto “A causa secreta” tem na figura do ator Fortunato, um operador de performances que nos levam a concluir que ele exerce um papel temático de sádico. Esse papel já se indicia pelas figuras com que o narrador caracteriza sua fisionomia “seu olhos tinham a expressão dura, seca e fria”(ASSIS,1999,p.117). Isso ocorre também quando Garcia observa Fortunato, sentando-se tranqüilamente ao acabar de fazer o curativo em Gouvêa, sem ao menos demonstrar qualquer cansaço ou preocupação com o ferido. Já em “com um sorriso único que traduzia a delícia íntima das sensações supremas”, acontece ao Garcia perceber a frieza com que Fortunato ainda torturava o rato.

Os atores Maria Luisa e Garcia, de certa forma, submetem-se a Fortunato o que contribui para que ele exerça seu sadismo. Garcia percebe que as atitudes de Maria Luisa “entre eles havia alguma dissonância de caracteres,pouca ou nenhuma afinidade moral,e da parte dela para com o marido, uns modos que transcendiam o respeito e confinavam na resignação e no temor” (ASSIS, 1999, p. 119).

O relato do narrador, do ponto de vista de Garcia demonstra que a relação de Maria Luisa com seu marido era cordial, de respeito e obediência.Ela não era capaz de impedir qualquer atitude de Fortunato,o medo que sentia dele a incapacitava de qualquer atitude diante das ações dele.

O ponto clímax da narrativa é aquele em que Fortunato começa a fazer a tortura do rato .O narrador mostra a sensação dele de felicidade e prazer, como se

percebe no enunciado: “e com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas” (ASSIS, 1999, p. 122). Podemos observar, nas figuras que descrevem a fisionomia de Fortunato, um contentamento em praticar aquela ação com o rato, essa é mais uma manifestação de seu sadismo.

Com a doença de Maria Luisa, Fortunato não a deixou nenhum momento, o que se revela por meio das figuras presentes neste enunciado: “fitou o olho baço e frio naquela decomposição lenta e dolorosa da vida, bebeu um a uma as aflições da bela criatura” (ASSIS, 1999, p. 124).

Quando Fortunato contempla Garcia beijando o cadáver de Maria Luisa, sente um prazer inigualável o desespero do rapaz alimentava ainda mais a felicidade em ver o sofrimento alheio “saboreou tranqüilo essa explosão moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa” (ASSIS, 1999, p. 125).

As figuras presentes nesses enunciados manifestam o tema do sadismo. O mais marcante é o comportamento de Fortunato detalhado em cada gesto, olhar, atitude. Essas figuras, ao longo da narrativa, foram essenciais para entendermos qual era a “causa secreta” que dá título ao conto. Por meio da semiótica greimasiana, observamos como foi construído o caráter sádico de Fortunato.

---

<sup>1</sup> Aluna do mestrado em lingüística pela Universidade de Franca, bolsista da CAPES. Com orientação da professora Dra. Vera Lúcia Rodonella Abriata do Programa de mestrado em lingüística da Universidade de Franca.

## **REFERÊNCIAS**

ASSIS, M. **Contos**. Objetiva, 1999.

BARROS, D.L.P. Estudos do discurso. In: FIORIN, J.L. (org.) **Introdução à lingüística II: princípios de análise**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Atual, 1988.

\_\_\_\_\_. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1999.

BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. São Paulo: EDUSC, 2003.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

FIORIN, J.L. Sendas e Veredas da Semiótica Narrativa e Discursiva Disponível em : <[http://www.scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s0102-445019990001000097ing=em&nr m=isso](http://www.scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-445019990001000097ing=em&nr m=isso)> Acesso em: 14 out. 2006.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto/ EDUSP, 1990.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 13.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

TATIT, L. A abordagem do texto. In: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à lingüística I: objetos teóricos**. 2 .ed. São Paulo: Contexto, 2004.